

SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 304 páginas.

Natália Cristina Granato¹

- Enviado em 13/05/2017
- Aprovado em 28/06/2017

O título do livro se contrapõe a uma frase de Charles Ribeyrolles, contemporâneo da escravidão que negava a existência de famílias de escravos. Este viajante europeu fez a seguinte referência “Nos cubículos dos negros, jamais vi uma flor: é que lá não existem nem esperanças nem recordações” (p.27). Tal premissa era consenso na época e entre os historiadores até certo ponto. A produção historiográfica que se contrapõe à esta visão tem como seus principais expoentes Robert Slenes e a obra resenhada, que se debruça sobre a família escrava e suas formas de organização no Sudeste do Brasil. A escravidão no Brasil é o seu principal objeto de estudo, explicitado na sua Tese de Doutorado, defendida em 1976 na Universidade de Stanford. O período histórico recortado pelo autor no livro referido corresponde ao século XIX, assinalando que as tradições do continente africano se mantiveram entre os escravos no Brasil, e que os mesmos eram integrados por laços de identidade e solidariedade, além de familiares. Tais relações foram fundamentais como formas de resistência perante aos senhores, e os mesmos, por sua vez, incentivavam a formação de famílias escravas como forma de evitar possíveis rebeliões.

O livro é dividido em 4 capítulos. O capítulo 1, “Histórias da Família Escrava”, dedica-se a abordar as visões clássicas sobre a família escrava, norteadas por autores como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Roger Bastide, Florestan Fernandes, entre outros. O autor aborda tais teorias para afirmar qual é a posição que ele ocupa nas novas abordagens sobre a família escrava,

¹ Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: nataliagranato@hotmail.com

partindo da perspectiva de não negá-la como a produção anterior faz, mas, pelo contrário, objetiva recuperar a historicidade destes agentes sociais.

No capítulo 2 “Companheiros de escravidão: a demografia da família escrava em Campinas e no Sudeste”, o autor visa fazer um estudo de caso a partir da cidade de Campinas, situando-a dentro da história econômica e demográfica do Sudeste, analisando os padrões de nupcialidade escrava em Campinas e em outras regiões do Sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro e estabelecendo tais dados como norteadores para pensar a região inteira, além de abordar a estabilidade da família conjugal cativa ao longo do tempo.

No capítulo 3 “Esperanças e recordações: condições de cativo, cultura centro-africana e estratégias familiares”, o autor analisa diversas fontes sobre os lares das famílias negras sob os olhares dos brancos, procurando analisá-las criticamente, e assinalando outras fontes que revelam as experiências africanas e escravas, a percepção da família, o estudo da arquitetura das senzalas, da casa e do casamento entre os cativos, dos seus projetos de vida, as estratégias domésticas dentro do sistema escravocrata, utilizando diversas fontes e iconografias para a compreensão histórica do objeto em questão.

No capítulo 4: “Lares e linhagens: a flor na senzala”, o autor conclui seu estudo analisando o papel do lar escravo, assinalando a existência de várias configurações de famílias escravas.

Tal obra é de indispensável leitura para quem se propõe a pesquisar a família escrava e é rica em diversos materiais empíricos como registros paroquiais, livros de batizados e casamentos, inventários, censos demográficos, listas nominativas, entre outros.